

# Os primeiros encontros de paz dos kaapor com os brasileiros

## Karai ta Namõ Mukatuha Rehe Har

Contada por Mariana

(Esta história é) sobre os primeiros encontros de paz com os brasileiros.

Quando meus antepassados tiveram seu primeiro encontros de paz com os brasileiros, eu estava nas minhas primeiras regras. Naquele tempo Pa'i foi o primeiro que falou com os brasileiros. Meus antepassados estavam juntando objetos. Aí eu fui para o quarto fechado, onde fiquei sentada como é nosso costume. E então eles falaram com os brasileiros.

– Pa'i falou – disseram. – Pa'i acabou de falar com os brasileiros.

Assim os kaapor vieram conhecê-los. O finado Yratum veio conhecê-los. Eles estavam juntando muitas coisas. Foi o pai de Caetano que colocou as mercadorias. Assim os kaapor juntavam muitas coisas, mesmo, como panos, facões. Realmente reuniram muitas mercadorias. Depois disso eles foram falar.

Conta-se que eles jogaram fora tudo. Acabaram com o barracãozinho onde guardavam brindes. Jogaram-nos no rio. É verdade. Jogaram tudo no rio.

E os outros kaapor chegaram, e olharam. Então os brasileiros colocaram mais coisas. Colocaram no caminho, também. Assim as coisas para fazer paz estavam lá. Então os kaapor juntaram mais mercadorias durante a noite. Eles juntaram muitos facões e espelhos. Nós chamamos ao espelho de "uaruu". Juntaram fósforos e outras coisas, como miçangas grandes. Todas estas coisas eles juntaram. Depois disso, meu pai veio primeiro.

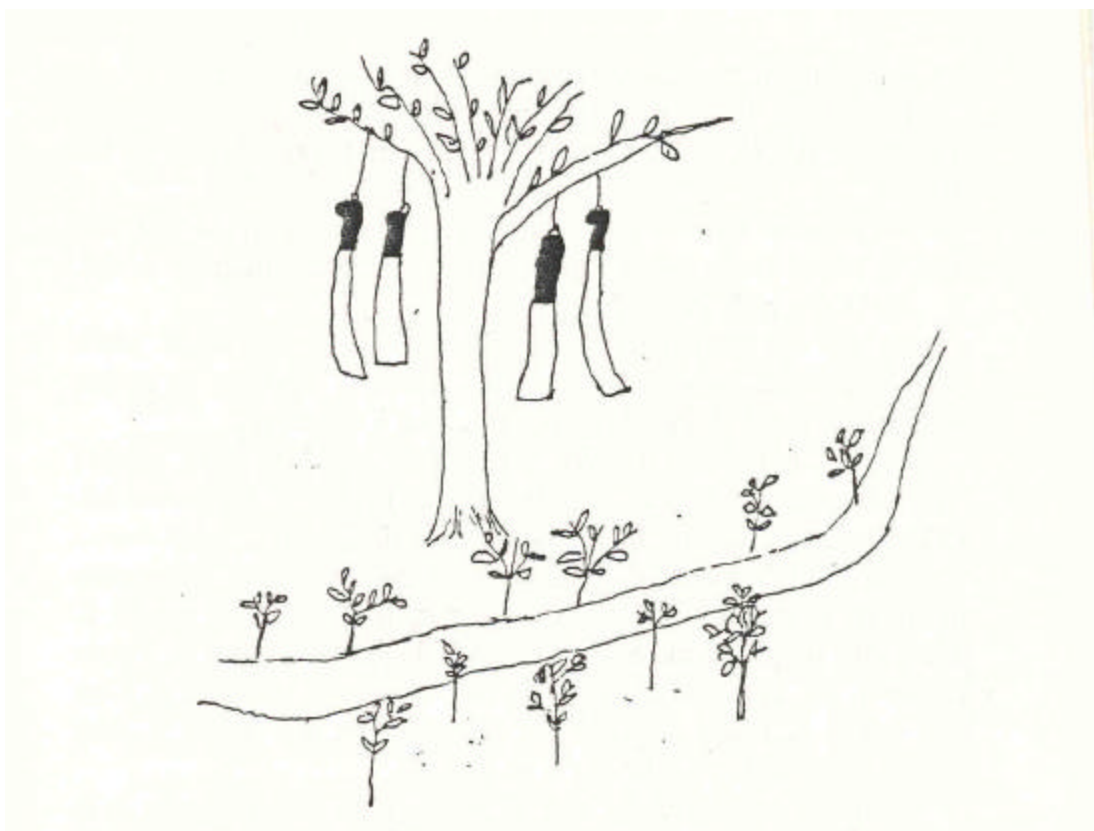
– Vai ser bom agora – ele disse.

O nome de meu pai é Marcos.

– Eu vou dar uma olhada.

E assim, foi espiar.

Eles estavam juntando muitas coisas. Mas Pa'i ainda não havia falado com os brasileiros. Isso foi no futuro. E assim ele trouxe alguma coisa, pois também foi espiar. No passado, os kaapor juntaram muitas coisas, como facões. Eles carregavam passando por aqui, onde estou agora. Vieram muitos outros kaapor e carregaram mais.



Depois meu pai e outros chegaram e levaram calças, panos de todo tipo e panos vermelhos, que chamaram de "cabelo de cavalo," porque eram vermelhos. Aquelas coisas tinham a finalidade de fazer paz. Outra coisa com o fim de fazer paz era assim:

– Pem, pem.

Esta coisa todos sopravam, e todo mundo levava, o apito.

Eu o chamo "bambu de aço". Eles levaram muitos deles. O ruído era assim:

– Pem, pem, pem, pem.

Eles ficaram muito alegres.

Antigamente, cantaram muito. Cantaram, cantaram. Imitavam o veado.

– Repartiu veado, repartiu veado, hei, hei – assim eles cantaram muito.

Um companheiro trouxe mais coisas. Então eles cantaram ainda mais.

Porém eram as velhas que choravam, as nossas avós. Elas choravam, dizendo assim:

– Agora os brasileiros vão acabar com todos nós.

E como choravam!

Desta maneira, aproximou-se outro de nós, cujo nome era Cauirem. Ele é meu irmão, filho de meu pai, Marcos. Foi ele quem veio. Mas os velhos ainda choravam.

Então os brasileiros trouxeram gripe. A gripe foi forte. O nariz da gente sangrou e doeu muito mesmo. Os velhos resmungaram muito, e morreram depressa. Um velho, cujo nome era

Yrajui, morreu também. Morria um após o outro, bem depressa. Manemby morreu, também. Era a esposa de meu avô que morreu magra. Morreu ainda Jauarancam. Este morreu depressinha. Deste modo, muitas pessoas daqui morreram, porque a gripe foi muito forte para nós.

Após algum tempo os kaapor vieram novamente. Os outros companheiros também vieram. Então Pa'i falou com os brasileiros. Sem demora ele conversou. Assim sua fala estava ali. Foi ele quem finalmente falou.

– Está bem – disse. – Está bem. Ei! Finalmente está tudo bem.

– Que bom! Está muito bom! – disseram os outros.

Eles ficaram muito contentes. E deram-lhe um facão. Deram facões repetidamente. Eles ficaram amigos logo. Caetano estava muito alegre. Aí tudo ficou bem. Os outros vieram, também.

– Onde está sua esposa? – perguntaram os brasileiros.

– Não, eu não tenho esposa – respondeu ele.

As mulheres ainda não haviam falado com os brasileiros. Então um outro apareceu com sua esposa. Era um casal. Foi Japé. Tinha outro que foi Wajumby, e foi este quem falou primeiro. Era filho da esposa de Pa'i. Eles juntaram muitos panos para vestidos, e vestiram-se com saias. Deram tudo que a gente precisava. Um chegava, outro pegava, estavam muito alegres. Outros chegaram daqui e pegaram algo. Trouxeram-no. Era sal. As velhas disseram:

– Este e medicamento de pau branco – assim entenderam.

Elas embrulharam e foram contentes.

Daí os brindes estavam lá. Os brasileiros deram coisas sem parar. Um outro chegou com motor de popa: – Tum, tum, tum, tum.

Ele chegou deste modo, e fez paz. Assim foram os primeiros encontros de paz antigamente. Eles tiveram muitas coisas. Foi bom! Eles ficaram muito contentes com o chefe. Foi assim os primeiros encontros de paz.

– Nossas coisas são muito bonitas – disseram.

Os kaapor ficaram muito contentes com as coisas antigamente. Os brasileiros forneceram tudo. Naquele tempo quem foi o chefe dos brasileiros? Qual foi o nome dele? Ah! O chefe foi um tenente. Era aquele que ficava sentado (demonstrando autoridade). O tenente ficava com braços cruzados. Tinha um outro aqui perto. Era o pai de Caaró, o Jauaripó. Os primeiros encontros de paz aconteceram deste modo. Eles ficaram alegres, e contentes. Araújo estava alegre, e por isso distribuiu coisas para todos. Os kaapor chegaram em sua casa e entraram com bastante reverência. E tomaram bastante café. Estavam muito alegres, principalmente os velhos. Os primeiros encontros de paz aconteceram assim.

Depois nós viemos. E havia um lá, que era Mesquita. Nós o vimos. Estava com Yperimby. Elas eram minhas irmãs, Yperimby e Caarijam. Tinham muitos de nós.

Também Ararancam e Cauirem foram.

O finado Cauirem deu para nós coisas como pano para cortes, vestidos, aos quais nós chamamos de "camisas compridas." Deu ainda espelhos, miçangas, e muitas outras coisas. Então retornamos. Fomos ainda outras vezes até lá. Os outros vieram, também. Era assim que eles

davam pra gente. Naquele tempo era de graça. Não cobravam. Eles juntavam muitas coisas. Agora eles cobram da gente por elas. Naquele tempo, não. As coisas realmente eram dadas.

Oropó e sua esposa ainda estavam vivos. Araújo tirou fotografia da esposa de Oropó. Porém, repentinamente a esposa de Oropó contraiu alguma coisa e ficou com febre. Ficou fria e se diz que morreu. Ficou debilitada e morreu rápido. Aí Oropó ficou bravo.

– Puxa! Minha esposa morreu tão rapidamente.

E ele partiu pra Canindé. Ninguém estava lá.

– Por que você veio? – perguntou.

– Eu vim sem nenhum motivo.

– Você veio como quem está zangado!

– Não! Eu vim à toa.

Então Ninguém se afastou dele. Mas Oropó estava zangado. Ele pegou sua flecha, e disse:

– Agora eu vou matar uma anta.

Ele estava bravo e muito zangado. Araújo estava olhando inadvertido. Oropó pegou uma flecha e disparou:

– Pic!

Araújo deu um berro. E todos correram na direção do Oropó. Ele estava resmungando para os outros. Aquele foi o pai daquele. Ele estava zangado com o pai daquele. Não me lembro de seu nome. Ele se virou para aquele e o flechou juntamente com o filho daquela. Duas pessoas morreram. Então seus companheiros bateram com os pés no chão. Eles pularam no rio e foram se esconder ali por perto. Oropó foi embora atravessando o rio. Talvez naquele tempo nós fôssemos matá-lo.

Ninguém foi embora, correndo para o mato. Escurecia. Ele fugiu com sua esposa, Jauareha-muju. Os finados Myter e Irainguer também fugiram. Todos eles foram embora com muito medo, estavam assustados. À noite eles retornaram, mas não ficaram. Chegaram até onde estava a canoa, e durante a noite foram embora nela.

Eles gritaram, mas não tinha nada. Foi Porim, o servo de Araújo.

– Ei! Capitão! Venha depressa! – gritava ele.

Chegaram até a beira do rio e pularam.

– Vamos! Vamos pular na água!

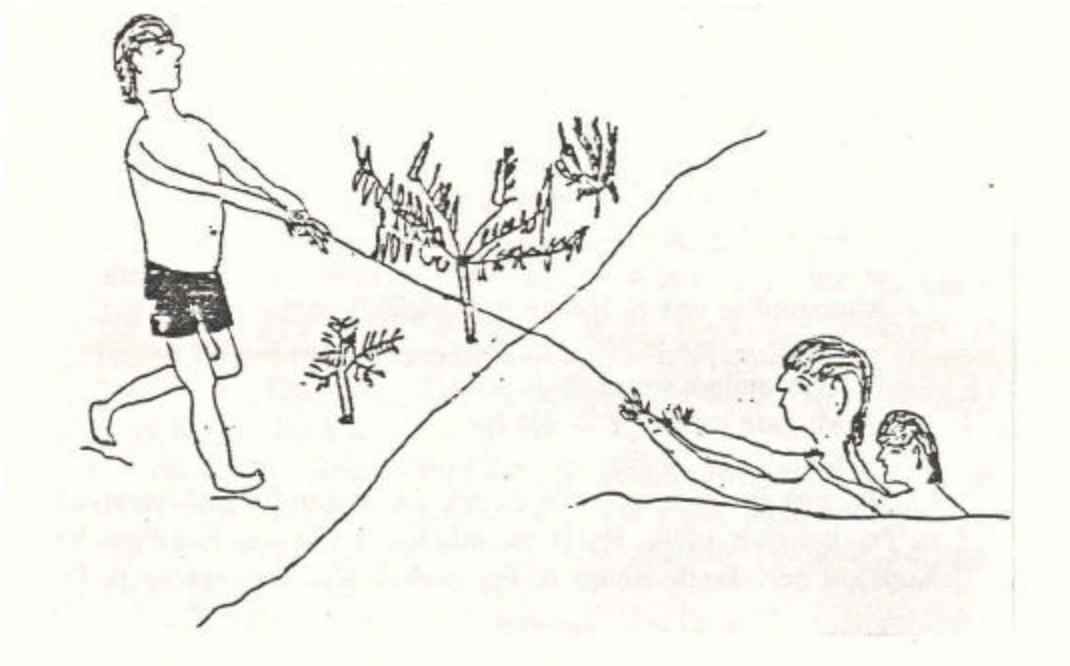
Ninguém amarrou seu filho com uma corda, depois pulou no rio com ele. Ia morrer. Ué! Ele afundou. O velho foi para o fundo. Depois apareceu um pouco em cima da água.

– Ei! Volte! Volte para cá! – disse para sua esposa. – Volte para cá!

– É impossível ir lá – respondeu ela.

Então amarraram um cipo chamado "cordão umbilical" no outro lado, e atravessaram por ele. Assim foi a travessia. Jauareha-muju atravessou deste jeito, também, naquele tempo. Assim eles voltaram para a aldeia. Os velhos voltaram, a mãe de Camuré e outros também voltaram

com seus filhos. Eles foram com Jararacambé. Estavam com muita fome, faltava-lhes a farinha. Um quase morreu. Era Ancampirã. Nós o chamamos de “cabeça vermelha”.



Depois disso eles voltaram gritando. O velho Nimmingu voltou, também. E eles gritaram:

– Ei! Porim!

– Ei! Capitão Myra! Venha depressa! Você deve estar com fome, agora. Seu filho também!

Foi Oropó que fez isso conosco antigamente. Ele perdeu sua esposa, que era muito bonita, mesmo. Ainda era nova, não tinha nenhum filho. Seu nome era Aperrim. Se tivesse filho, poderia estar muito triste, talvez muito zangado. Quando a criança grita, grita mesmo.

– Morreu mesmo – ele dizia para si. – Eu vou pegar a outra mulher – assim seria bom para pensar naquele tempo.

Para ele, ela era muito bonita. Depois disso o velho falou:

– Ei, Capitão Myra!

Então Nimmingu respondeu gritando:

– Ei, Porim.

– Ei!

Eles gritaram muito e bateram palmas, também.

– Está bem! – assim ele disse.

E eles os trouxeram.

– Onde está sua esposa? – perguntou-lhe.

– Está ali.

E os outros voltaram com Jararacambé. Ele também voltou com sua esposa, que tremia

muito. Seu nome era Cupiipé. Era nossa parenta. Eles trouxeram banana-maçã e lhe deram. Ela comeu um pouco. Deram-lhe chibe, também. E disseram:

– Nós vamos embora.

Eles foram na canoa, atravessando o rio. Estavam com muito medo. (Será bom novamente.)

– Ele foi se esconder lá – disseram sobre Oropó.

Dizem que ele foi. Ele saiu. Oropó foi embora.

O velho Ancampirã foi mordido pela cobra aqui. Dizem que inchou demais. Apodreceu tudo. Doeu muito. Eles o trouxeram até Saropoxim. Depois Nimmingu veio para torrar farinha. Por aqui todos foram embora se esconder. Não tinha ninguém, sabe? Todos vieram onde nós estávamos. Eles foram embora para a cabeceira do rio Turiaçu. Todo mundo foi embora com muito medo.

– Os brasileiros vão acabar com todos nós – assim eles entenderam.

Nimmingu chegou até a aldeia, que estava vazia. Não havia ninguém nas casas. Ele foi para o riacho. A mandioca estava lá na água. Estava mole. Então ele as tirou, torrou e secou. Depois deixou na oca. Quando amanheceu, levou para sua esposa. Chegou levando farinha, e ia comendo jabuti. Assim ele chegou.

Enquanto isso, Capitão Rucu saiu em Jararaca.

– Por aqui deve ser bom agora – ele pensou.

Tucano estava lá, e meu pai foi até onde ele estava.

– Meu filho foi se esconder aqui? – perguntou.

– Não. Ele foi embora – disse-lhe Tucano. – Foi embora mesmo.

Então Capitão Rucu veio pelo rio com Capitão Tucano, e chegaram. Levaram redes, e amarraram no pano. Foi mesmo corte de pano que eles amarraram. Depois disso colocaram-no. Seu sangue estava derramando muito.

– Onde está Oropó agora? – perguntaram eles.

– Não sabemos – responderam.

Não queriam revelar para eles.

– Nós não sabemos – repetiram.

– O que é que vai acontecer agora? – eles perguntaram. – O que é que a gente faz? – perguntavam-se sem saber.

Enquanto isso, meu pai chegou, meu finado pai. E aí Nimmingu chegou.

– Ele está aqui – disse minha mãe. – Eles chegaram O dedão do Cupiipé caiu.

– Por que vocês foram lá?

– Aquele nos levou. Foi Wandupé. Ele é pai de Terepic. Foi ele que nos levou.

Então tudo ficou bem novamente. Eles acabaram toda nossa mandioca, e foram embora daqui para se reunir lá. Mas Ndari ficou. Ele não tomou conta da sua aldeia muito bem. Então

passou para o velho Caaró. Ele ficou sozinho. Este velho é quem está aqui.

– Eles não vem mais – falou ele.

Por isso ele ficou. E o outro foi para onde eles estavam. Outra que também ficou foi Mariquim. Ela é irmã de Caaró. Todos os outros foram lá para as cabeceiras do rio Turiaçu. Foram com muito medo.

O fim.